



DE SATÂNIA A ABYSSUS: UMA ANÁLISE DA POESIA ERÓTICA BILAQUIANA.

Mestre em Teoria da Literatura - UFPE
Fabiana Câmara Furtado¹ (Coautora e orientadora)

Graduanda em Letras - UNICAP
Larissa Petrusk Santos Silva² (Coautora)

RESUMO: nascido no Rio de Janeiro em 16 de janeiro de 1865, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, viveu sua maturidade literária numa época conhecida como *Belle Époque* brasileira. Por isso, sua poesia apresenta um estilo típico de um momento histórico que acreditava ser a literatura o “sorriso da sociedade”. Imbuído dessa crença irá fazer com que seus textos atendessem aos preceitos artísticos da época. Sua poesia atendeu ao pensamento corrente que acreditava ser a arte somente expressão do belo e da perfeição estéticas. Alvo predileto dos poetas modernistas, Olavo Bilac que já foi parodiado no conhecido poema satírico “Os sapos”, de Manuel Bandeira, tem sido revisitado nos últimos anos. Os centros acadêmicos parecem ter (re) descoberto outra *persona* por trás do artista conhecido por cultivar a forma poética e a arte pela arte. Entendemos que analisar a poesia de Olavo Bilac sobre a perspectiva da sexualidade requer um distanciamento das principais características observadas por estudiosos de sua obra e vida. Precursor do Parnasianismo no Brasil, Olavo Bilac não abandonou os preceitos deste movimento literário quando introduz em seus poemas o erotismo e a sensualidade da figura feminina apresentando, contraditoriamente, ecos românticos. Não foi em vão que o poeta ficou conhecido como um “romântico tardio”, no entanto toda sensualidade e erotismo de suas poesias eram tolhidos pela rigidez parnasiana. Um “eu” em conflito passeia em seus poemas numa linguagem menos contida, é um erotismo delirante que afirma a sua genialidade poética. O objetivo desse trabalho é analisar a poesia do “príncipe dos poetas brasileiros” apresentando uma faceta pouco conhecida da sua fortuna literária: a poesia de cunho erótico e existencial. Os poemas que serão analisados são “Abyssus” e “Beijo eterno”. Dessa forma, acreditamos dar uma importante contribuição para uma análise de uma das expressões pouco conhecidas do texto bilaquiano.

¹ Professora de Literatura Brasileira, Portuguesa e História da Arte da Universidade Católica de Pernambuco. Correio eletrônico: fabiacf2@yahoo.com.br

² Estudante do oitavo período do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco e Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq. Correio eletrônico: larissapetrusk@hotmail.com



Palavras – chave: Parnasianismo, sensualidade, mulher, sexualidade, nu.

ABSTRACT: born in Rio de Janeiro on January 16, 1865, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, lived his literary maturity in an era known as the *Brazilian Belle Époque*. Therefore, his poetry has a typical style of a historic moment he believed that literature is the "smile of society." Imbued with this belief will make his artistic texts met the precepts of the time. His poetry responded to prevailing thought she believed to be only an expression of beautiful art and aesthetic perfection. Favorite target of modernist poets, Olavo Bilac what has been parodied in the satirical poem called "Os sapos" by Manuel Bandeira, has been revisited in recent years. The academic centers seem to have (re) discovered another *person* behind the artist known for worshiping the poetic form and art for art. We believe that analyzing the poetry of Olavo Bilac about the prospect of sexuality requires a distance of the main characteristics observed by scholars of his work and life. Initiator of Parnassianism in Brazil, Olavo Bilac not abandoned the precepts of this literary movement when entering your poems in the eroticism and sensuality of the female figure showing, paradoxically, echoes romantic. Not in vain that the poet was known as a "late romantic," however all sensuality and eroticism of his poems were constrained by the rigidity Parnassian. An "I" in conflict walks in his poems in a language less restrained, eroticism is a delusional who says his poetic genius. The aim of this study is to analyze the poetry of the "Prince of Poets Brazilians" featuring a little-known facet of his literary fortune: the poetry of erotic and existential. The poems are analyzed are "Abyssus" and "Beijo eterno". Thus, we believe make an important contribution to an analysis of a little-known expressions of the text bilaquiano.

Keywords: Parnassianism, sensuality, woman, sexuality, nude.

INTRODUÇÃO:

O erotismo é uma das bases do conhecimento de nós próprios, tão indispensável como a poesia.
(Anais Nin)

Beija mais, que o teu beijo me incendeia!
Aperta os braços mais! Que eu tenha a morte,
Preso nos laços de prisão tão doce!
(Olavo Bilac)

Diz tua boca: "Vem!"
"Inda mais!", diz a minha, a soluçar ... Exclama



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

Todo meu corpo que o teu corpo chama:
"Morde também!"
Ai! Morde! Que doce é a dor
Que entra as carnes, e as tortura!
Beija mais! Morde mais! Que eu morra de ventura,
Morto por teu amor!
(Olavo Bilac)

Estudar a poesia de Olavo Bilac através do prisma do erotismo pode ser surpreendente para muitos, pois estamos acostumados ao Bilac cultuador da forma estrutural do poema e da objetividade como desenvolve os temas literários. Entretanto, o Príncipe dos Poetas Brasileiros foi autor de poemas que vão além dos lugares comuns que comumente são atribuídos à sua produção literária. Neste trabalho queremos chamar a atenção do Bilac romântico, existencialista e erótico. Integrante do movimento parnasiano, surgido na França por volta de 1850, o poeta segue as regras desse movimento literário e busca inspiração no universo greco-romano. Inclusive, o termo *Parnaso* homenageia o monte localizado na Grécia que também era considerado um lugar de inspiração pelos poetas antigos. Não foi em vão que elegeram a Antiguidade Clássica (greco-romana), símbolo do ideal e beleza, como principal influenciadora das suas produções, buscavam a forma perfeita e a racionalidade. Longe da emoção e preocupado com a técnica, com a perfeição formal, os poetas acreditavam em uma impassibilidade, em não denotar exteriormente nenhuma emoção, estar perto do modelo clássico significaria um distanciamento do exagero e subjetividade do Romantismo.

O Parnasianismo transferiu para a poesia a objetividade, o cientificismo e o positivismo reinantes na segunda metade do século XIX. Por isso, o culto à forma, ao rigor métrico dos poemas dessa corrente literária. Textos que enalteciam a descrição e a impessoalidade estavam de acordo com a mentalidade de uma época marcada pela 2ª Revolução Industrial e pelo avanço da ciência que, por sua vez, assumia o papel de explicar todos os fenômenos sociais, culturais e artísticos do seu tempo. Dessa visão de mundo é produzida uma arte que se opõe ao caráter metafísico e espiritual dos românticos como afirma os críticos Antonio Candido e José Aderaldo Castello:

“O nome dessa renovação estética é de origem francesa. Em 1866, o editor Lemerre reuniu numa antologia as produções de poetas de tendências diversas, mas na maioria desejosos de reagir contra os aspectos mais sentimentais e mais convencionais do romantismo.” (2005: 291)



Os poetas brasileiros buscavam inspiração nos poetas portugueses do século XVIII e no cuidado que o Arcadismo tinha com a estética e a linguagem formal. O Parnasianismo irá preocupar-se com o universalismo, inspiravam-se nos temas históricos da Grécia e da Roma, as alegorias mitológicas. É na Antiguidade Clássica que o homem ascende, na Arte (ou pela Arte) ele observa a realidade e reflete, é a partir da Antiguidade Clássica que o homem observa a arte como um instrumento de conhecimento da Realidade, a arte não é mais vista como uma atividade meramente manual, nela, por ela (arte) e através dela tomaram conhecimento do mundo. O nascimento de Vênus, por exemplo, é uma exaltação a beleza clássica, nascida de uma concha, Vênus é citada na poesia parnasiana como modelo de mulher porque é de uma beleza formal, assim como a poesia parnasiana, com formas perfeitas, a mulher da poesia parnasiana é personificada (cria corpo) ou pode ser representada pela figura de Vênus. Com Eros não é diferente, Segundo o Dicionário de Mitologia Grega e Romana, Eros é a “força irresistível que faz atrair os elementos, surgindo assim o princípio da vida”. Eros ama o que é belo e atrai tudo que é bonito, por isso a poesia recorrerá a Mitologia, os parnasianos cultuam a beleza das formas clássica.

O objetivo da poesia parnasiana é ser universal não poesia de cunho social, a crítica literária afirma que o Parnasianismo foi um afastamento do realismo social, em direção ao esteticismo e a temas universais. O Parnasianismo se firmou no Brasil na década de 80 a luta pela abolição e o fortalecimento da República dominava o país, enquanto isso os temas são amplos, universais: natureza, objetos de arte, a própria poesia. Não é por acaso que os poetas parnasianos utilizarão verso alexandrino (12 sílabas poéticas), sonetos, a chave de ouro, a rima rica, preferirá e cultivará a impassibilidade (negará a subjetividade), a poesia será descritiva, a preocupação com a forma acima do conteúdo.

Em “Profissão de Fé”, poema em que declara morrer “em prol do Estilo”, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac compara o trabalho do poeta com a profissão de um ourives: a palavra deve ser torcida, aprimorada, para que “saia da oficina sem um defeito”. Entende-se a comparação de Bilac quando compreendemos que sua poesia defende o pensamento de sua época. O juramento, em forma de poesia, era inerente ao pensamento parnasiano, rompe-se com a visão de mundo romântica e, conseqüentemente, a poesia deveria opor-se ao subjetivismo e a despreocupação da forma, ao contrário, a reverência à forma seria uma de suas características marcantes do Parnasianismo.



Influenciados pelo século XVIII, conhecido como o século das Luzes por causa do Iluminismo, essa tendência alcança seu ápice em 1878 quando surge a poesia científica pregando a razão. A ideologia dos poetas parnasianos é da “arte pela arte”, não seria diferente, a França vivia uma revolução, as enciclopédias eram nomeadas como “o mais significativo monumento do século XVIII, o subjetivismo era derrubado pela luz do saber, o racionalismo. O movimento parnasiano surgiu na França e, segundo Alfredo Bosi (1997) a obra de Teófilo Dias, *Fanfarras*, foi o primeiro livro parnasiano no Brasil. O movimento literário ganha força a partir de 1878 quando um Jornal, Diário do Rio de Janeiro, manifesta o interesse de empregar a ciência na poesia.

Olavo Bilac, um dos poetas parnasianos mais importantes, não abandona o “juramento apoético” que fez em “Profissão de Fé”, sem abandonar os preceitos parnasianos. Na verdade, os melhores textos de Bilac possuem uma certa subjetividade Alfredo Bosi (1997) afirma:

Hoje parece consenso da melhor crítica reconhecer em Bilac não um grande poeta, mas um poeta eloquente, capaz de dizer com fluência as coisas mais díspares, que o tocam leve, mas o bastante para se fazerem, em suas mãos, literatura. (p. 254)

Analisar a poesia de Bilac sobre uma perspectiva diferente, como propõe o trabalho, é garantir e reafirmar a citação acima de Alfredo Bosi. Olavo Bilac herdou dos românticos aquilo que os parnasianos não entendiam: não existe uma impassibilidade completa. Partindo desse pressuposto, serão destacados os elementos eróticos dos poemas “Beijo eterno” e “Abyssus”.

Beijo eterno

1. Quero um beijo sem fim,

Que dure a vida inteira e aplaque meu desejo!

Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo.

Beija-me assim!

O ouvido fecha ao rumor



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

Do mundo, e beija-me, querido!

Vive só para mim, só para a minha vida,

Só para meu amor!

Fora, repouse em paz

Dormida em calmo sono a calma natureza,

Ou se debata, das tormentas presas

-Beija ainda mais!

E, enquanto o brando calor

Sinto em meu peito o teu seio,

Nossas bocas febris se unam com o mesmo anseio,

Com o mesmo ardente amor!

17. Suceda a treva a luz!

Vele a noite de crepe a curva do horizonte;

Em véus de opala a madrugada aponte

Nos céus azuis,

E Vênus, como uma flor,

Brilhe, a sorri, do ocaso a porta,

Brilhe a porta do Oriente! A treva e a luz - que importa?

Só nos importa o amor!

25. Raive o Sol no Verão

Venha o outono! do inverno os frígidos vapores

Toldem o céu! das aves e das flores

Venha a estação!

Que nos importa o esplendor

Da primavera, e o firmamento

Limpo, e o sol cintilante, e a neve, e a chuva, e o vento?



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

Beijemo-nos amor!

33. Beijemo-nos! Que o mar

Nossos beijos ouvindo, em pasmo a voz levante!

E cante o sol! A ave desperte e cante!

Cante o luar,

Cheio de novo fulgor!

Cante a amplidão! Cante a floresta!

E a natureza toda, em delirante festa

cante, cante este amor!

41. Diz tua boca: "Vem!"

"Inda mais!", diz a minha, a soluçar ... Exclama

Todo meu corpo que o teu corpo chama:

"Morde também!"

Ai! Morde! Que doce é a dor

Que entra as carnes, e as tortura!

Beija mais! Morde mais! Que eu morra de ventura,

Morto por teu amor!

49. Quero um beijo sem fim,

Que dure a vida inteira e aplaque meu desejo!

Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo.

Beija-me assim!

O ouvido fecha ao rumor

Do mundo, e beija-me, querida!

Vive só para mim, só para a minha vida,

Só para meu amor!

Nesse belo poema, Olavo Bilac deixa transbordar todo seu apelo erótico “pintando” uma cena extremamente sensual na qual um casal apaixonado abandona o mundo exterior a

fim de se dedicarem ao prazer, com Vênus – deusa do amor – sendo uma testemunha desse encontro que também pode ser considerado uma reverência a sua imagem: “E Vênus, como uma flor, /Brilhe, a sorri, do ocaso a porta, /Brilhe a porta do Oriente! A treva e a luz - que importa? /Só nos importa o amor!”



Abraço, Egon Schiele (1918). Um casal apaixonado e entregue ao prazer sexual. É assim que podemos visualizar o encontro amoroso descrito no poema “Beijo eterno”. Beijo cheio de ansiedade e insistência que possivelmente se transformará em um abraço sensual.

Mais adiante o eu – lírico evidencia o desejo de não cessar aquele instante. E conclama em alto e bom som o desejo de perpetuar um momento que para ele tornou-se mais importante do que a beleza e o esplendor da natureza: “Raive o Sol no Verão /Venha o outono! do inverno os frígidos vapores /Toldem o céu! das aves e das flores/Venha a estação! /Que nos importa o esplendor /Da primavera, e o firmamento /Limpo, e o sol cintilante, e a neve, e a chuva, e o vento?/Beijemo-nos amor!” O eu – lírico faz uma apologia ao amor sensual e isso também faz parte da própria estética parnasiana que enxerga a mulher com um ser real e provocadora de desejos. Percebe-se que agora não há mais espaço para as “virgens impossíveis” que dominaram o imaginário amoroso dos românticos. Entretanto, essa dessacralização da mulher pelos parnasianos é isenta de referências jocosas ou pornográficas.



O que se celebra é o amor sem medo e culpa. Segundo Octavio Paz (1994), “o erotismo não a imita a sexualidade, ‘é a sua metáfora’. O texto erótico é a representação textual dessa metáfora.”

Nos versos: “Diz tua boca: "Vem!"/"Inda mais!", diz a minha, a soluçar ... Exclama/ Todo meu corpo que o teu corpo chama: /"Morde também!"/Ai! Morde! Que doce é a dor /Que entra as carnes, e as tortura! /Beija mais! Morde mais! Que eu morra de ventura, /Morto por teu amor!”. Percebe-se que esses versos extravasam o momento do clímax sexual entre o casal que em sintonia íntima chegam juntos ao ápice do prazer. A ousadia marca o poema que foi escrito nos fins do século XIX. O erotismo faz-se presente de forma explícita, porém sem chocar ou agredir, pois isso não é um texto pornográfico. É um texto antes de qualquer lírico que une a beleza do lirismo à beleza do encontro amoroso.

Lúcia Castello Branco (2004), em seu livro *O que é Erotismo*, afirma que a pornografia refere-se a o sexo explícito e erotismo a sexo implícito, ou seja, para a autora a pornografia é uma maneira de tratar a sexualidade de maneira chula, concordando com o sentido conotativo do dicionário Houaiss que caracteriza a palavra pornografia como “aquilo que fere o pudor”. Para a autora o erotismo opõe-se a pornografia devido ao “teor nobre e grandioso”. Asseguremos aqui que interpretaremos, e analisaremos a poesia de Bilac, a partir da concepção de Alexandrian, em *História da Literatura Erótica* (1994), que acredita que devemos diferenciar o erótico do obsceno e considera a pornografia um “erotismo sem lirismo, sem concepção de beleza”, o autor afirma:

Considera-se que o erotismo é tudo que torna a carne desejável, tudo que mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo que desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa ela à sujeira, às doenças, às brincadeira escatológicas e às palavras imundas. (ALEXANDRIAN, 1983, p.8).

Consideremos então, que pornografia seja o oposto de erotismo, o erotismo constitui em uma descrição mais apurada e requintada sobre o amor, ou a sua idéia, a pornografia consiste também em uma descrição só que menos apurada, simples dos prazeres da carne. Ou seja, na poesia, só se caracterizará o erotismo quando estiver acompanhado do lirismo. Isso está presente no poema acima.



O poema é lírico quando o sujeito poético, não pode ser confundido com o autor, é subjetivo, troca a objetividade das palavras e expressa seus sentimentos mais íntimos, envolve-se com o poema. A linguagem traduz e revela o eu-lírico. A palavra lírico deriva de Lira, instrumento musical. Na Antiguidade a poesia era acompanhada pelo instrumento, por isso esse gênero (lírico) é musical. Bilac mergulha pela temática da sexualidade em suas poesias de maneira descritiva e sensual. Seus versos são reflexivos, o poeta considera o caráter afetivo das relações, recordações de amores vividos ou irrealizados.

Em “Sarças de Fogo”, Olavo Bilac revela-se um escritor que vai além da objetividade dos poetas da sua época. Em poemas Eróticos sua mente brilhava e maximizava ainda mais o efeito nas palavras. O poeta revela-se satírico em vários momentos, uma ironia percorre e choca ainda mais os falsos moralistas de sua época. Apesar da “obediência” formal Bilac foi reconhecido como um “romântico tardio”. Fernando Jorge, biógrafo de Bilac, afirmou que Olavo Bilac era um parnasiano com alma romântica. Entende-se a firmação do biógrafo quando estudamos o Romantismo e aprendemos que foi bastante popular em nosso país e tardou em “terminar”. Na verdade, Bocage (1765-1805) influenciou muito Olavo Bilac. Poeta português, pré-romântico, Bocage, maior figura do Arcadismo português, movimento que influenciou a maioria dos poetas parnasianos. A obra de Bocage surgiu simultaneamente com o Romantismo e a Revolução Francesa. Esses acontecimentos não poderiam deixar de provocar influência na obra do bardo português. Como bem declarou o próprio Bilac:

Em Portugal, a arte de fazer versos chegou ao apogeu com Bocage e depois dele decaiu. Da sua geração, e das que precederam, foi ele o máximo cinzelador da métrica. A plástica da língua e do metro; a perícia de ensambalar das orações e no escandir dos versos; a riqueza e graça do vocabulário; o jogo sábio e às vezes inesperado das vogais e das consoantes dentro da harmonia da frase. A variação maravilhosa da cadência; a sobriedade das figuras; a precisão e o colorido dos epítetos; todos estes difíceis e complicados segredos da arte poética, cuja beleza e raridade às vezes escapam até aos mais cultos amadores da poesia e aos mais argutos críticos literários, e que somente os iniciados podem ver, compreender e avaliar; esta consciência, este posto, e a medida, este dom de adivinhação e de tacto, de que os artistas natos têm o privilégio – tudo isso coube a Elmano, tudo isto se entreteceu no seu talento.



Entretanto, mesmo preocupado com a forma poética, Olavo Bilac produziu poemas com temáticas divergentes da sua escola literária. Alguns desses poemas apresentam temáticas metafísicas e existenciais o que comprova a heterogeneidade de seus textos. Poema publicado no livro “Sarças de fogo”, “Abyssus”, apresenta uma mulher fatal e sedutora. Características presentes em outras figuras femininas na poesia de Olavo Bilac. No texto, encontra-se dessa vez um erotismo semelhante ao dos poetas românticos que muitas vezes tentavam se livrar das garras da mulher objeto do seu desejo, mas, ao mesmo tempo, entregavam-se ao jogo de sedução imposto por elas.

Abyssus

1. Bela e traidora! Beijas e assassinas...
Quem te vê não tem forças que te oponha:
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,
E, quando acorda, acorda feito em ruínas...

5. Seduzes, e convidas, e fascinas,
Como o abismo que, pérfido, a medonha
Fauce apresenta Flórida e risonha,
Tapetada de rosas e boninas.

9. O viajor, vendo as flores, fatigado
Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,
Avança incauto... Súbito, esbroado,

12. Falta-lhe o solo aos pés: recua e corre,
Vacila e grita, luta e se ensangüenta,
E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...

Palavra de origem latina que significa “abismo”, o poema “Abyssus” possui uma imagem feminina que representa o próprio abismo e perdição do eu-lírico. Mulher avassaladora e irresistível, associada a paradoxos que confirmam a dualidade da sua personalidade, como se pode perceber nos versos: “Bela e traidora! Beijas e assassinas...”/

“Seduzes, e convidas, e fascinas,”. A mulher é um ímã que atrai suas vítimas ao abismo de prazer e volúpia presente no seu corpo. Corpo que para o poeta é um penhasco condutor da morte e da ruína, por isso amá-la é provar da alegria, do prazer, mas também é encontrar o caminho do enlouquecimento e da perda da existência: “Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,/Avança incauto...Súbito,esbroado, /Falta-lhe o solo aos pés: recua e corre, /Vacila e grita, luta e se ensangüenta,/ E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...”

O eu – lírico também enfatiza as armas de sedução usadas por essa mulher-abismo: “Fauce apresenta Flórida e risonha,/ Tapetada de rosas e boninas.”. Chama a atenção o fato do eu – lírico saber das ciladas que aparecem no seu caminho. Entretanto, como uma mariposa atraída pela luz, o incauto amante prefere o fim e o inesperado à segurança de não amar.



Figura 02: *Estudo de mulher*, Rodolfo Amoedo (1884). A figura feminina reclinada languidamente pode representar a mulher-abissus do poema de Olavo Bilac. Mulher – sedução e volúpia que mesmo sem mostrar sua face convida o amante ao prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esperamos com esse trabalho lançar novas luzes sobre a fortuna literária de Olavo Bilac. Poeta que tão bem expressou o erotismo na sua poesia. Romântico tardio que era, extravasa nos poemas de cunho erótico a subjetividade, a emoção e a personalidade inibidas



nos seus poemas que apresentam estritamente o culto à forma. Dessa maneira, comprova-se a versatilidade criativa do poeta. Além disso, esperamos ter desmistificados alguns estereótipos que se fazem presente quando é mencionado em sala de aula o nome Parnasianismo. Esperamos que os leitores possam perceber a variedade temática presente nesse movimento e, com isso, notar as diferentes possibilidades de abordagens nos textos parnasianos. Acreditamos ser necessário nos despirmos de visões preconcebidas no momento de ler e analisar a obra de um artista. Por não saberem fazer isso, muitas pessoas perdem a oportunidade de se deparar com a beleza de versos como esses:

E aos mornos beijos, às carícias ternas,
Da luz, cerrando levemente os cílios,
Satânia os lábios úmidos encurva,
E da boca na púrpura sangrenta
Abre um curto sorriso de volúpia...

(*Satânia*. Olavo Bilac)

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS:

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Poesia brasileira: Realismo e Parnasianismo**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2003.

ALEXANDRIAN. **História da Literatura Erótica**. São Paulo: Rocco, 1983.

BILAC, Olavo. **Beijo eterno**. Disponível em: <<http://www.velhosamigos.com.br/AutoresCelebres/OlavoBilac/olavobilac2.html>> Acesso em 30 out. 2010.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 37ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

BULHÕES, Marcelo. **Leitura do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2003.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: Modernismo**. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CASTELLO, Lúcia Branco. **O que é Erotismo?**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos)

CUPIDO. Disponível em < <http://www.mundodosfilosofos.com.br/cupido.htm> > Acesso em: 02 nov. 2010.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. São Paulo: Jorge Zahar, 1999.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. 15ª Ed. São Paulo: Ática, 2004.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS:

Figura 01: http://www.artwallpapers.net/paintings/egon_schiele02/03/egon_schiele03.jpg

Figura 02: <http://www.cursodehistoriadaarte.com.br/lopreto/index.php/arte-musica-dica-conheca-o-melhor-da-musica-contemporanea-brasileira/>